10/12/ 2009, 12h 15m, Escola Básica 2,3/S Bela Vista, Sala Recepção E. E.

Alunos: Carlos F. (Repetente – 6º C) / Rafael (Repetente - 6º E)

(B1, B1)

(Duração – 22m 54s)

Olá Amigos.

Estou aqui na presença do Carlos, de que Turma?

6º C.

e do Rafael?

6º E.

Estamos aqui porquê? Vocês sabem.

Carlos - Para uma entrevista.

A respeito de?

Carlos – Grupo de Percussão.

E o que é o Grupo de Percussão?

Rafael - Foi um grupo de música do ano passado.

Carlos – De ritmo.

Rafael – do 6º D

Então vocês são repetentes do 6º ano?

Carlos e Rafael – Sim.

E as coisas estão a correr bem este ano?

Carlos e Rafael – Estão.

(É o que interessa) Uma vez que vamos falar do Grupo de Percussão que foi um trabalho realizado no ano lectivo anterior, gostaria que me falassem da disciplina de Educação Musical concretamente, porque afinal o trabalho foi feito na aula de Educação Musical. Consideravam a aula de Educação Musical um espaço onde se sentiam bem?

Carlos e Rafael – Sim.

Rafael – Era divertido.

Porquê?

Rafael – Eu sentia-me bem.

Carlos – Era outra disciplina melhor, nada de matéria, tocávamos, fazíamos música, fazíamos ritmos.

Rafael – Tocávamos muita música.

Nada de matéria, então tu achas que não dávamos conteúdos nenhuns?

Carlos - Dávamos matéria, mas não é bem matéria como das outras disciplinas.

Explica-me lá isso melhor.

Carlos – Porque, tipo, nas outras disciplinas temos que estar bué atentos, por causa de estar a fazer testes e são difíceis e a matéria é mais difícil. A música não: damos matéria, temos que prestar atenção, mas tocamos e é melhor que as outras disciplinas.

Portanto, damos a matéria mas temos sempre presente a parte prática. É isso que me estás a querer dizer?

Carlos e Rafael – Sim.

Sentiam-se bem na aula de Educação Musical. Mas Rafael, concretamente para ti agora: tu foste um aluno que o ano passado estiveste em abandono escolar.

Rafael – Sim.

Mas quando (diz-me lá se foi coincidência ou não), quando começamos a fazer o trabalho de percussão… eu não me lembro de teres faltado às aulas.

Rafael – Gostava de ir a música, era fixe!

Mas em muitas outras disciplinas tu continuavas a faltar. Então e porque é que querias muito ir à percussão?

Rafael – Então, sentia-me bem.

Gostavas de ir.

Rafael – Sim.

Uma vez que estiveste em abandono, sentiste muita dificuldade em integrar o grupo e o trabalho que estávamos a desenvolver?

Rafael – Não.

Pensando concretamente no Projecto Percussão com objectos sonoros, o que é que mais vos agradou?

Carlos – Bater nos baldes, bater com muita força, gastar a nossa energia.

Rafael – E vários ritmos

Carlos – Gastar a energia, bater com toda a força.

Despejar a raiva ali, era?

Carlos – Era quase isso.

Então as coisas corriam mal lá fora e depois vocês iam para ali vingar-se nos baldes?

Carlos - No início era, mas depois para a frente comecei, cada vez mais a gostar daquilo, comecei a empenhar-me mais.

E a força, continuava a ser a mesma?

Carlos – Sim.

Continuavas a bater sempre com muita força?

Carlos – Sim, só quando não se podia fazer muita força, as partes da… (já não me lembro muito bem do nome das músicas), mas já… fazer outros ritmos, também gostei de fazer com as latas.

A intensidade aí tinha que ser mais controlada, é isso?

Carlos – Sim e as maracas também, era os instrumentos que tínhamos que fazer com mais força, porque as maracas faziam menos barulho, do que os outros instrumentos.

Já me disseram que gostaram muitos e aquilo que gostaram menos. De todo o projecto, o que é que gostaram menos?

Carlos – Eu gostei de tudo.

Rafael – Eu também.

Então não houve nada assim que falhasse?

Rafael – Não.

Carlos – Para mim não.

Até que ponto é que vocês acham que esta actividade (concretamente a percussão) estimulou as aprendizagens em Educação Musical? Estavam mais predispostos para aprender depois de começarmos esse trabalho?

Carlos e Rafael – Sim.

Porque é que vocês dizem que sim, assim com tão grande convicção?

Rafael – Eu não sei como explicar, mas…

Carlos – Gostávamos daquilo, gostávamos do que estávamos a fazer.

E isso fazia com que vocês estivessem mais?

Rafael – Atentos e com vontade de aprender e essas coisas todas.

De aprender, de trabalhar, no fundo acham que a actividade de percussão estimulou as aprendizagens em Educação Musical?

Carlos e Rafael – Sim.

No desempenho musical (quando estavam a tocar) consideram ter havido evolução em termos técnicos e artísticos? (O Carlos ainda há pouco dizia: *Eu no início batia com muita força, era despejar a raiva ali*) Vocês consideram que em termos de desempenho musical as coisas continuaram assim? Íamos só ali despejar a raiva ou…?

Rafael – Aprender a fazer ritmos.

Mas consideram que os desempenhos foram melhorando à medida que o tempo ia passando?

Carlos e Rafael – Sim.

Como é que começaram a sentir isso?

Carlos – Como é que eu hei-de explicar?

Então inicialmente disseste que estavas a bater com muita força e depois, as coisas foram mudando como?

Rafael – Com o tempo.

E o que é que o tempo fez com que as coisas mudassem?

Carlos – Com o tempo eu ia fazendo mais devagar…

Rafael – Fomos aprendendo com o tempo.

Carlos – Os ritmos… o ritmo que havia, o ritmo às vezes era com menos força, tínhamos que fazer com menos força.

Portanto, houve a preocupação…

Carlos – À excepção das maracas tínhamos que fazer com muita força, que era para se ouvir bem, porque havia os baldes, que era o tambor, que fazia o barulho todo.

Consideram que ficaram mais atentos às diferentes aprendizagens após a introdução do trabalho de Percussão em objectos sonoros?

Carlos – Sim.

Abanar a cabeça não se ouve aqui… (risos)

Rafael – Sim.

Porquê? Voltamos atrás e vocês vão dizer porque gostávamos do trabalho, é isso?

Carlos – Gostávamos do trabalho e…

Desculpa não percebi!?

Rafael – Da apresentação que a gente fez, foi boa, correu bem.

Ah, já estamos noutra parte… mas ainda dentro da sala de aula - as aprendizagens foram mais estimuladas, estavam mais atentos depois do trabalho da percussão?

Carlos e Rafael – Sim.

(Então vamos lá entrar nessa parte Rafael) Tiveram várias actividades onde se expuseram ao público, conseguem-se lembrar quais foram essas actividades?

Carlos – O nome das músicas?

Não, não é o nome das músicas, é: Onde é que foram as apresentações públicas?

Carlos – No Parque da Bela Vista e no Parque do Bonfim.

Rafael – Sim.

Não houve mais? Foram só essas duas?

Carlos – E foi na Escola, na festa de final do ano.

Rafael – Sim.

Carlos – Ao pé dos monoblocos.

Fizeram duas apresentações uma de manhã e uma de tarde.

Carlos – Também ainda fizemos uma na sala de música para duas turmas,

(Exactamente, muito bem, boa memória Carlos). Qual a apresentação pública que mais gostaram?

Rafael – A do Bonfim Stora.

O Rafael diz claramente: *a do Bonfim* e o Carlos?

Carlos – Concordo plenamente com o Rafael.

E porquê?

Rafael – Porque estava lá mais público.

Carlos – Mas eu não concordo. No Parque Verde estava mais, ali no Parque da Bela Vista era onde havia mais público. Havia muitos do infantário, das escolas de 1º ano, aquilo estava tudo cheio.

Mas mesmo assim gostaram mais do Parque do Bonfim. Será que foi por ter sido a um domingo, fora do horário escolar, por termos ido de autocarro para baixo. Teve alguma coisa a ver com isso?

Rafael – Isso também foi bom.

Carlos – Para mim foi bom ao domingo, porque ao domingo eu nunca tenho quase nada para fazer, é estar em casa… não tenho nada para fazer. Então foi para distrair a manhã.

Será que tem a ver com isso, o facto de vocês terem gostado mais?

Rafael – Sim, eu ao domingo também fico o dia todo em casa.

Carlos – Estou mais na rua durante a semana.

E o convívio com os colegas fora das escola?

Rafael – Também é bom.

Carlos – Depois também estávamos com os colegas ao domingo. Foi bom.

Ainda há pouco estava a dizer o Carlos: não concordo bem, porque afinal no Parque da Bela Vista nós tínhamos muito mais público, mas mesmo assim gostámos mais do Parque do Bonfim. Então vocês sentiram diferença nos públicos?

Carlos – Sim.

Qual foi a diferença que vocês sentiram?

Rafael – É que no Bonfim, haviam muitos que eram muito mais velhos e gostei mais.

Carlos – Era mais senhores e senhoras e ali no Parque da Bela Vista eram mais crianças e era mais gente a aplaudir e houve mais aplausos.

Onde é que houve mais aplausos? (eu não percebi!?)

Carlos – Ali no Parque da Bela Vista.

Mas mesmo assim vocês gostaram mais do Bonfim. É isso?

Carlos – Sim. Mas no Bonfim também tínhamos um palco e ali não tínhamos que estar sentados no chão para estar a tocar.

Portanto, tinham mais condições no Parque do Bonfim. Vocês sentiram-se músicos mesmo?

Carlos e Rafael – Sim.

Carlos – Dentro dum palco.

Em cima de um palco.

A comparação entre o público, disseram que gostaram mais do público do Bonfim do que da Bela Vista, porque havia…

Rafael – Gente mais adulta

Carlos – E sabiam valorizar mais o trabalho.

E o que é que tu entendes por "valorizar o trabalho", tu sentiste-te valorizado naquele momento Carlos?

Carlos – Algum

Como assim? Explica-me lá melhor.

Carlos – O trabalho bem feito, foi bem praticado, não havia falhas, estava tudo muito bem treinado.

E tu sentiste-te contente por isso e sentiste que eras autónomo naquele momento ou precisavas de alguém a ajudar-te?

Carlos – Era autónomo.

E tu Rafael?

Rafael – Também.

Não precisavas de ninguém a ajudar-te?

Rafael – Não eu já sabia aquilo.

Carlos – Nas aulas de Educação Musical tive algumas dificuldades, mas consegui superar as dificuldades.

Quando souberam que três dos colegas não podiam estar presentes nas últimas apresentações públicas por estarem a cumprir medidas disciplinares, o que é que pensaram?

Carlos – Que ia acabar o Grupo de Percussão.

Rafael – E que não ia ficar bem tocado.

Carlos – Precisávamos daqueles três colegas porque são um dos melhores elementos que tocavam aquilo.

Vocês sentiam que havia melhores elementos ali?

Rafael – Ah não, para mim eram todos iguais.

Carlos – Eu senti, porque o Wilson fazia a melhor parte do tambor grande, na parte das entradas.

Precisavam da presença do Wilson para se guiarem, é isso que me estás a dizer Carlos?

Carlos – Sim.

Sentiram que o Grupo ia ficar desfalcado.

Carlos – Que o Grupo ia acabar.

E então como é que essa situação foi solucionada?

Carlos – Depois a professora Elsa Mobilha falou com o professor Alberto e ele disse: Podes trazê-los mas se acontecer alguma coisa… A responsabilidade era da professora Elsa.

E lá fomos… e correu bem, olha... !? (risos)

Sei que quando estão em palco têm atitudes e comportamentos adequados, bem como nos ensaios. Porque é que vocês consideram isso importante?

Rafael – Que é para não passar vergonhas, isso é o mais importante.

Carlos – Pois.

Rafael – E tocar bem.

E não é vergonhoso também quando vocês estão numa sala de aula normal, vocês estarem a portar-se mal?

Rafael – Mas isso não temos público e não estão a ver, não é? É só o professor.

Carlos – É só a nossa turma.

Rafael – E quando ele ralha é que a gente paramos.

Mas é que o Rafael está aqui todo despachadinho a falar, mas… O Rafael tinha muitas participações disciplinares o ano passado, não foi Rafael?

Rafael – Ya.

Espero que as coisas este ano estejam bem melhores.

Rafael – Não tenho nenhuma.

Que bom, maravilha! (…) E como é que era a vossa atitude dentro da sala de Educação Musical?

Carlos – Eu portava-me bem.

Rafael – às vezes eu falava, mas portava-me bem.

A professora nunca vos chateava muito pelos vossos comportamentos impróprios?

Rafael – Às vezes ralhava, mas…

Carlos – Às vezes a minha colega do lado estava a falar e descontrolava-me o que estava a fazer. Então a professora Elsa chamava à atenção.

Chamava à atenção e não passava daí? As coisas funcionavam normalmente?

Carlos – … Continuávamos o trabalho…

Conseguíamos resolver bem os momentos em sala de aula quando as coisas não estavam a correr da melhor forma.

Carlos e Rafael – Sim.

Mas tu disseste uma coisa muito importante Carlos, que foi: *a colega do lado estava a conversar e eu não ficava com atenção*. Então vocês achavam que tinham que estar…

Carlos – Atentos.

Era essencial?

Carlos – Sim, porque se não estivéssemos atentos não conseguíamos fazer o trabalho.

Vocês disseram que na sala de Educação Musical nós conseguíamos resolver bem os problemas, mas eu também sei que nas outras salas não era bem assim.

Carlos e Rafael – Não.

E porque é que vocês faziam esse esforço na sala de Educação Musical e o mesmo não acontecia nas outras aulas?

Rafael – Era mais divertido.

Carlos – Era mais divertido como o Rafael diz, gostávamos daquilo. Nas outras disciplinas não, já era mais…

Rafael – Uma seca.

Era mais uma seca, diz o Rafael.

Rafael – Mas temos que nos esforçar na mesma.

Carlos – Eu distraio-me um bocado nas outras disciplinas.

Agora vamos pensar concretamente na aula de Educação Musical. Nós começávamos a aula, vocês sentavam-se nos vossos lugares que à partida estavam estipulados, no entanto durante a aula tínhamos que dispor a sala várias vezes. Porque é que isso acontecia?

Carlos e Rafael – A sala não tinha espaço suficiente…

Rafael – Tínhamos que estar a desviar as mesas.

E isso era uma grande algazarra?

Rafael – Às vezes.

Carlos – Não, não era muito, porque se toda a gente colaborasse, a gente despachava aquilo num instante e tínhamos mais tempo para tocar.

Mas o Rafael estava a dizer: "Às vezes era uma algazarra". Sentias isso Rafael?

Rafael – Sim começavam todos a gritar e essas coisas todas.

Mas sempre?

Rafael – Nem sempre, umas vezes sim outras vezes não.

Mas sentiam isso no início ou lá mais para o fim?

Carlos – Logo no início, depois lá para o fim já se começaram a organizar mais.

A organização já era diferente?

Carlos – Sim.

Vocês não se sentiam chateados ou aborrecidos por ter que fazer esse trabalho de andar a modificar mesas, a preparar objectos sonoros?

Carlos e Rafael – Não…

Carlos – até era divertido e eu queria tocar…

Rafael – Tínhamos vontade de tocar, era o que interessava.

E vocês já sabiam bem dispor os instrumentos de acordo com as peças que tocavam?

Carlos e Rafael – Sim.

Nunca havia dúvidas a respeito?

Rafael – Às vezes.

E como é que solucionavam quando havia dúvidas?

Rafael – Perguntávamos à professora.

Sempre só à professora?

Rafael – Não, podíamos perguntar uns aos outros.

Carlos – E também os colegas, havia sempre dois colegas que ajudavam a montar as coisas: uns punham os baldes, outros punham as baquetas.

Havia responsáveis por…

Carlos – pelos instrumentos sonoros. Uns punham as baquetas, outros punham os baldes, organizar aquilo.

E tu foste um desses elementos. Não te sentias cansado por ter que fazer sempre esse trabalho?

Carlos – Não porque eu gosto de fazer as tarefas.

E nas apresentações públicas? Achavam injusto ficar a vosso cargo todo o processo de organização?

Carlos e Rafael – Não.

Rafael – Nós tínhamos a responsabilidade de estar a meter os instrumentos…

Carlos – e tocar.

Rafael – que era para depois quando entrássemos ir tocar.

Carlos – Eu e a Iara, os baldes; O Etiandro e o Ruben também montavam os baldes grandes e a Ivânia e a Ana punham as baquetas enfiadas nos baldes.

E as coisas corriam bem ou nem sempre corriam bem?

Carlos – Corriam bem.

O que sentem quando estão a tocar para os outros?

Carlos – Famosos, sentimos músicos, naquele palco senti-me como um músico.

E tu Rafael?

Rafael – Eu sinto bem, mas também tenho medo é de errar, porque se errar vão começar todos a olhar e tenho esse medo.

Então digam-me lá, quando vocês sobem ao palco, qual é o sentimento?

Rafael – O meu coração começa a bater bué.

Carlos – O meu continua calmo, porque já estou habituado, porque sou membro do Rancho Folclórico das Praias do Sado, então já estou habituado a entrar em palcos.

E gostas. E o Rafael, começa o coração a bater e depois?

Rafael – Fico muito nervoso.

E depois consegues acalmar durante a actuação?

Rafael – Consigo.

Então começas a tocar e o que é que acontece?

Rafael – Acalmo.

Direccionas a tua atenção para aquilo que estás a fazer e acalmas?

Rafael – Sim.

E no final? Quando acaba?

Rafael – Eu gosto dos aplausos

Carlos – Baixamos para agradecer os aplausos

Rafael – Também sentimos que acabou, finalmente sabemos que correu bem e estamos aliviados.

Vocês falaram-me dos aplausos. Qual é o impacto que vocês sentem que as vossas apresentações tiveram perante os vários públicos? Acham que as pessoas gostaram? O que é que vocês acham que as pessoas pensaram?

Carlos – Que aquele grupo está muito bem trabalhado.

Rafael – Se aplaudiram é porque gostaram.

Carlos – Pois.

Tu estas a dizer, Carlos: "*aquele grupo está muito bem trabalhado*", mas houve alguma pessoa que te disse isso assim literalmente?

Carlos – A professora Paula Martins.

Vocês têm vontade de continuar a fazer um trabalho musical?

Carlos e Rafael – Sim.

Carlos – Gostava muito de continuar com o processo.

Com o Grupo de Percussão.

Carlos – Sim.

Também gostavas Rafael?

Rafael – Sim.

Continuam a ter música este ano?

Carlos e Rafael – Sim.

(…) Vão fazer apresentação de Natal, mais uma vez vão subir ao palco, mais uma vez se vão sentir músicos?

Carlos e Rafael – Sim.

Isso agrada-vos mesmo?

Rafael – Sim é bom.

Agradeço muito a vossa colaboração, gostei muito de estar convosco.

Rafael – Nada.

Carlos – Obrigado Stora